

Mercado de Carbono, com o objetivo de mitigar efeitos indesejados do processo produtivo, sem contudo alterar seus paradigmas.

O trabalho posiciona o Brasil no contexto do problema, tanto no que se refere ao seu desempenho como poluidor quanto ao papel de agente mitigador. Discute ainda a importância do tema considerando que o paradigma de desenvolvimento sustentável tem nas dificuldades e oportunidades da implementação do Protocolo de Quioto, sua questão chave. O trabalho ainda discute algumas questões referentes ao funcionamento do Mercado de Carbono e as razões que tem motivado os países e empresas privadas a participarem dele.

¹ Graduanda em Gestão do Agronegócio da Universidade Federal de Viçosa, e estagiária da Embrapa Gado de Leite, Juiz de Fora, Minas Gerais

² Embrapa Gado de Leite, , Juiz de Fora, Minas Gerais

16 - CAUSAS DA BAIXA ADOÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE CONVIVÊNCIA COM A SECA

N. B. Cavalcanti¹; G. M. de Resende¹; L. T. L. Brito¹; J. B. Anjos¹.

A agricultura praticada pela maioria dos pequenos agricultores do Nordeste brasileiro, especialmente do semi-árido, tem como característica marcante baixo nível tecnológico, sendo as práticas tradicionais predominantes nos sistemas de cultivos. Embora alguns pequenos agricultores tenham conhecimento das inovações tecnológicas desenvolvidas e, ou adaptadas pela pesquisa agropecuária nas últimas décadas, poucos as utilizam como forma de proporcionar um aproveitamento racional dos recursos disponíveis e aumentar sua produtividade. Isso se deve, principalmente, à grande diversidade de fatores sócio-econômico e geoambientais dos produtores e de suas propriedades, como também a fatores relacionados diretamente com o processo de transferência das tecnologias. Este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento junto aos pequenos agricultores de três comunidades do semi-árido baiano e pernambucano, quanto à utilização de tecnologias para convivência com a seca e os fatores que afetam sua adoção. O trabalho foi conduzido nas comunidades de Fazendinha e Várzea no município de Jaguarari (BA), e Cacimba do Baltazar, em Petrolina (PE), no período de janeiro a dezembro de 2004. Em cada comunidade foi aplicado um questionário, cujos agricultores selecionados por meio de uma amostra aleatória simples, num total de 78, avaliando-se as seguintes variáveis: 1) agricultores que utilizam a cisterna rural; 2) agricultores que utilizam o barreiro para irrigação suplementar; 3) agricultores que utilizam a barragem subterrânea; 4) agricultores que utilizam o sistema de captação de água de chuva "in situ"; 5) agricultores que utilizam o capim buffel; 6) agricultores que utilizam a maniçoba e leucena e; 7) motivos da não utilização das tecnologias. Os resultados obtidos demonstraram que 33,33% dos agricultores não utilizam as tecnologias citadas. A cisterna rural é a mais utilizada, por um total de 66,66% dos entrevistados, que utilizam esta tecnologia para armazenar água da chuva para consumo doméstico; em seguida, o capim buffel é utilizado por 44,87% dos agricultores para alimentação dos animais no período de seca. A falta de conhecimento de como utilizar as técnicas e de recursos financeiros foram apontados como os principais motivos da não adoção de algumas das tecnologias analisadas. Pode-se concluir que há necessidade de maior difusão e demonstração destas tecnologias para os agricultores de forma compatível com seu nível de instrução e capacidade financeira para implantação das tecnologias.

¹ Pesquisadores da Embrapa Semi-Árido. C. Postal, 23. CEP-56.300-970. Petrolina, PE. E-mail: nbrito@cpatsa.embrapa.br

25 - IMPACTOS AMBIENTAIS DA PRODUÇÃO DE PÓ NOS CARNAUBAIS PIAUIENSES

A. M. D. Silva¹ ; A.S. Lima² ; J. M. A. Gomes³ ; J. L.L.Araújo⁴

Os carnaubais, vegetação nativa do Nordeste brasileiro, têm sua maior área de ocorrência no Estado do Piauí. A carnaubeira *Copernicia prunifera* (Miller) H.E. Moore, 1963, é uma planta de múltiplos usos, desde os mais rudimentares até os mais aprimorados (industriais). A atividade de exploração dos carnaubais piauienses visa, sobretudo, a produção de pó cerífero, sendo esta, essencialmente extrativista, uma vez que carnaubais cultivados são raros. É comumente consorciada e/ou associada com atividades agropecuárias, notadamente cultivos temporários, com caráter de subsistência, e pecuária extensiva, principalmente, de pequeno porte. Objetivou-se diagnosticar os pontos de impacto ambiental oriundos, direta ou indiretamente, da extração de pó. Foram avaliados o método de extração das folhas e a forma de manejo/condução dos carnaubais. A pesquisa fundamentou-se em levantamentos bibliográficos e visitas técnicas, com a aplicação de questionários e registros fotográficos, em quarenta e dois carnaubais distribuídos em vinte e oito municípios, abrangendo seis ecossistemas. Os trabalhos de campo foram desenvolvidos durante outubro de 2003 a agosto de 2004. Consideramos como pontos de impacto ambiental na operação de corte: o método e intensidade de corte das folhas, por diminuir, sensivelmente, a área foliar da planta, acarretando danos a sua fisiologia, e progressivamente, sua vida útil; e a extirpação das inflorescências e cachos de frutos imaturos, provocando uma redução significativa na taxa de renovação natural do carnaubal. Quanto ao aspecto de manejo/condução, a queimada, realizada na área do carnaubal para formação de pasto e cultivos temporários, demonstrou ser o maior dano ambiental, acarretando a eliminação de carnaubeiras, principalmente jovens, mais sensíveis; diminuição da fertilidade natural do solo; e aumento dos processos erosivos. Concluiu-se que tais operações e exploração do espaço físico dos carnaubais, da forma em que são realizadas, apresentam riscos a sustentabilidade ambiental, devendo ser introduzidas práticas conservacionistas, aperfeiçoamento das técnicas de corte e manejo alternativo, para as outras atividades praticadas em consórcio ou associação, visando à racionalização deste recurso natural.

¹ Eng. Agrônomo, Bolsista CNPq/TROPEN/UFPI